

## **COLÉGIO PEDRO II**

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura  
Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais

Rosane Greice da Costa Gomes da Silva

### **FOTOGRAFAR PARA DESCOBRIR: A FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DO ENSINO DAS ARTES**

Rio de Janeiro  
2022



Rosane Greice da Costa Gomes da Silva

**FOTOGRAFAR PARA DESCOBRIR: A FOTOGRAFIA COMO  
FERRAMENTA DO ENSINO DAS ARTES**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização do Ensino das Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Shannon Figueiredo de Souza Botelho

Rio de Janeiro  
2022

**COLÉGIO PEDRO II**

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**

**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**

**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

S586 Silva, Rosane Greice da Costa Gomes da  
Fotografar para descobrir : a fotografia como ferramenta do ensino das artes. — Rio de Janeiro, 2022.

15 f.

Artigo científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Sabres e Fazes no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Shannon Figueiredo de Souza Botelho.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Fotografia artística. 3. Atividades lúdicas. I. Botelho, Shannon Figueiredo de Souza. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 700

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Rosane Greice da Costa Gomes da Silva

**FOTOGRAFAR PARA DESCOBRIR: A FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DO  
ENSINO DAS ARTES**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização do Ensino das Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Shannon Figueiredo de Souza Botelho (Orientador)  
Colégio Pedro II

---

Profª Me Caroline Alciones Oliveira Leite  
CECIERJ/CEDERJ

---

Profª. Ma. Raquel Teixeira de Souza  
SFEAV -CPII

Rio de Janeiro  
2022

## **FOTOGRAFAR PARA DESCOBRIR: A FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DO ENSINO DAS ARTES**

Rosane Greice da Costa Gomes da Silva

**Resumo:** O artigo presente discorrerá sobre a vivência em sala de aula, a prática de ensino e aprendizagem do ensino das artes visuais no ensino fundamental II, com a finalidade de apresentar possíveis horizontes, e alternativas de se trabalhar as múltiplas formas de linguagens artísticas, tendo como suporte principal a fotografia, no caso de escassez de material, local apropriado e adequado para criação e armazenamento das criações dos alunos. Possibilidades e alternativas de contextualizar as linguagens das artes, através da fotografia de forma individual ou coletiva.

**Palavras-chave:** Fotografia; Artes Visuais; Linguagens Artísticas, Aprendizagem; Possibilidades

## **PHOTOGRAPHING TO DISCOVER: PHOTOGRAPHY AS A MAIN TOOL IN THE TEACHING OF THE ARTS**

**Abstract:** This paper discuss the experience in the classroom, the teaching and learning practice of teaching visual arts in elementary school II, in order to present possible horizons, and alternatives for working with the multiple forms of artistic languages, having as main support for photography, in case of shortage of material, an appropriate and adequate place for the creation and storage of student creations. Possibilities and alternatives to contextualize the languages of the arts, through photography individually or collectively.

**Keywords:** Photography; Visual Arts; Artistic Languages; Learning; Possibilities

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de especialização parte da minha vivência como professora de artes visuais do Ensino Fundamental II, Ensino Médio regular e normal, nas escolas estaduais do Rio de Janeiro há quase nove anos. Ser um profissional das artes nas escolas públicas é um desafio constante, pois enquanto professora, vou de encontro à escassez ou falta de materiais. Sem sala de aula ou qualquer espaço adequado para trabalhar, ainda com a redução dos tempos.

A primeira vez que utilizei argila com o sexto ano, fui chamada pela direção, a sujeira deixada, a falta de local para guardar as esculturas e a demora para limpeza da sala de aula foram os motivos para uma “advertência”. Ou seja, trabalhar pintura, colagem e qualquer tipo de arte com materiais que necessitassem ser guardados na escola ou que sujasse a sala de aula era impossível. O que não favorecia a aplicabilidade e o aproveitamento das aulas de artes visuais.

Vivenciei algo que me deixou bastante frustrada: encontrar trabalhos de turmas do sétimo e do oitavo anos totalmente destruídos, trabalhos que vinham sendo armazenados há dois bimestres para uma exposição que eu estava organizando, dentre esses trabalhos estavam esculturas, colagens, pinturas e até fotografias. A turma que havia danificado todos os trabalhos, abriu o armário da sala de aula, quebraram e rasgaram tudo que tinha, a fúria foi imensa, eu disse: espero que vocês não sejam meus alunos ano que vem! Eram adolescentes tido como problemáticos, com idades entre 13 e 17 anos que estavam no sexto ano.

Durante todo meu percurso me deparei com a dificuldade de obter ferramentas e suporte, até a folha de ofício que é uma ferramenta básica para aula de artes é complicado conseguir. Sem sala de aula apropriada, sem materiais e sem local para armazenar trabalhos que os alunos traziam de casa ou faziam em sala aula, foi se tornando muito desgastante e dispendioso, porque por várias vezes comprei materiais como: folha de ofício, tinta e outros com meus próprios recursos.

Em um dos colégios que trabalhei por um período de cinco anos, todo final de ano letivo, era necessário fazer uma limpeza na sala dos professores, pois era proibido armazenar caixotes em cima dos armários, trabalhos de alunos e ferramentas, como: livros, papéis, descartáveis e sucatas. Fui obrigada a devolver um dos armários que ocupava. Um com meu próprio Datashow e computador, já que a escola não dispunha dos mesmos para todos os professores. Assim como a biblioteca não dispunha de livros de artes, tão pouco catálogos ou revistas de artes. Eu armazenava na sala dos professores material didático próprio. E, no final de cada ano letivo, a escola não se responsabilizava pelo material que ficava na sala dos docentes. Sendo necessário a retirada das ferramentas que eu utilizava em sala de aula.

A partir de todo processo que encontrei para obter recursos materiais e de logística para dar aula de artes, se tonou muito incômodo financeiramente e emocionalmente, fazia esforços muito além do que eu deveria e podia. Pois nas escolas públicas do Rio de Janeiro é expressamente proibido pedir a compra de materiais por parte dos alunos. Sem nenhum suporte, comecei a refletir sobre a possibilidade de dar aula de artes visuais, de uma maneira que fosse menos “trabalhosa” e frustrante.

Como professora de artes, sei a responsabilidade que tenho de melhorar o processo de desenvolvimento e da sensibilidade do aluno, assim como os saberes teóricos e práticos dos discentes. Mas para o docente de escola pública, dar aula é um desafio diário, pois dificilmente encontrará suporte administrativo e recurso material. Cabendo inclusive uma reflexão quanto à realidade do professor.

Escolhi a fotografia como alternativa para abordar as demais formas de linguagem artística a partir da reflexão para a elaboração de planos de aulas mais dinâmicas, menos excludentes e mais interativas. E que exigissem menos recursos, mas que ao mesmo tempo fossem benéficos para os alunos de forma geral. Já que desejar um laboratório de artes, sala

de aula adequada, contar com as ferramentas necessárias para fruir melhor as aulas e não ficar somente na teoria parecia utópico.

Mesmo sabendo que para formação de professores, uma sala de aula apropriada ou adaptada, e até mesmo laboratórios seriam o ideal para ampliar o conhecimento dos discentes nas diversas formas de linguagem artísticas e mesmo assim, a fotografia ainda era a melhor alternativa que eu encontrei. Pois, nas escolas pelas quais passei, encontrei e ainda encontro professores fadigados, usando seus próprios recursos, tendo desgastes emocionais por não conseguir materiais, e nem sala de aula. E vivenciando essa realidade de constatar que muitos profissionais adoecem ao longo do tempo, que busquei o inverso como forma de preservar a saúde num contexto geral. O inverso que digo é de não exigir de mim, além do que eu posso dar, a saga do professor “herói”, sofrido, que faz qualquer coisa para dar aula (recursos financeiros e desgastes emocionais).

Faço uma analogia do “herói” que é representado por um indivíduo, que renuncia a si mesmo, a figura do sofrimento romantizado. Afinal, herói não tem casa, não tem família, não sente fome, sua única função é abdicar de si mesmo. Por quanto ao fazer esforços que ultrapassem nossos limites, de forma não intencional, escondemos as falhas do sistema que gera toda nossa angústia como professor de artes e profissional da área da educação.

Encontrei um professor que optou por trabalhar HQ como a linguagem artística principal, no ensino médio normal e regular onde a faixa etária dos alunos é bem variada, de 14 anos em diante, mesmo no turno vespertino as idades são diversificadas, já tive alunas com mais de 50 anos de idade. Essa faixa etária facilitou o trabalho com a fotografia e vídeo. Fazendo uso de edição de imagens no próprio celular. E mesmo que todos os alunos não dispusessem de um celular e internet, por falta de recurso econômico ou porque alguns pais não permitissem, havia a possibilidade de executarem a tarefa em duplas ou trios, com compartilhamento de dados, quando alguns alunos não tinham internet.

No ensino fundamental II em turmas de 28 alunos, com faixa etária entre 10 a 17 anos quando um não tinha internet, era bem comum entre eles a divisão de dados móveis. O que abria um leque de possibilidades para se trabalhar a fotografia, explorando a pesquisa, a técnicas de fotografia através do celular, assim como trabalhar a edição de imagens nos próprios aparelhos. E através da edição, trabalhar perspectiva, cor, volume, texturas e etc. Pensar em imagem/fotografia, permite pensar na literatura, no cinema, na música, na dança, na poesia, na pintura, no teatro, na escultura etc. E por meio da arte o aluno pode conhecer mais sobre a história da cultura e suas origens, sobre o que as obras de artes despertam como: expressões e sensações inclusas nelas.

Segundo Ana Mae Barbosa o papel da Arte pode ser visto:

Através da poesia, dos gestos, da imagem, as artes falam aquilo que a história, a sociologia, a antropologia etc., não podem dizer por que elas usam um outro tipo de linguagem, a discursiva, a científica, que sozinhas não são capazes de decodificar nuances culturais. Dentre as artes, a arte visual, tendo a imagem como matéria-prima, torna possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos. A arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento. Através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. "Relembrando Fanon", eu diria que a arte capacita um homem ou uma mulher a não ser um estranho em seu meio ambiente nem estrangeiro no seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence. (BARBOSA, 2012)

## 2. FOTOGRAFIA COMO RECURSO DIDÁTICO

O projeto “De olho na Imagem” surgiu precisamente em Paraty nos anos de 2016 a 2018, quando fui selecionada para trabalhar com os alunos que tinham quebrado as obras de artes produzidas por outros alunos. Esses discentes eram tidos como “problemáticos” sem muita “perspectiva futura”, alunos com idades entre 14 a 18 anos no ensino fundamental II. Fui “habilitada” a Trabalhar língua portuguesa, artes e inglês. E foi justamente as intempéries encontradas na instituição pública de ensino que me levou a repensar num formato de melhor gerir minhas aulas, e a possibilidade de dinamizar as mesmas. Afinal, teria que propor aulas de maneira interdisciplinar.

Meu olhar foi direcionado aos detalhes que existem na aplicabilidade das técnicas e possibilidades da fotografia no ensino das artes visuais. Refleti sobre um formato de aula mais prática, menos teórica e mais participativa, que necessitasse de menos recursos materiais e suporte. Desta maneira as/os estudantes tornam-se eixos principais das aulas através do uso de seus aparelhos de celular, que se tornou a principal ferramenta em sala de aula, cooperando e induzindo o trabalho coletivo pois mesmo as/os estudantes que não tivessem celular, poderiam usar o aparelho da/do colega através do empréstimo do mesmo e assim pensar no que fossem retratar, o que acabou se tornando uma solução mais democrática para os registros imagéticos.

A partir do crescimento exponencial da paisagem visual, nós que pesquisamos visualidades, temos novas oportunidades de aprendizagem e somos cada vez mais convocados a colocar nossos repertórios e convicções em suspensão. Ao decompor estes números, pode-se mapear mudanças e transformações sociais, por exemplo. Desse modo, a construção desta paisagem visual hoje transborda os limites da Arte, das Linguagens e seus espaços formais, bem como os limites geográficos impostos pelos grandes centros artísticos nas metrópoles mundo afora e também nas cidades brasileiras.

(MYANAKI, 2003)

Minhas aulas eram promovidas em compartilhamento de ideias e reflexão com os alunos, quanto aos trabalhos que eram construídos com as opiniões e sugestão deles. Os temas eram muito variados como: o espaço escolar e a relação de afeto, retratos diferentes em tempos diferentes, onde os alunos traziam fotos de casa, dos avós, retratos antigos que facilitavam abordagem quanto à mudança do espaço geográfico, o retrato pintado e o autorretrato (a selfie através da pintura), as fotos pessoais em diferentes fases da vida. E a partir da “selfie” de Tarsila do Amaral, falar sobre o movimento modernista brasileiro, e posteriormente sugeri que os alunos a partir das pinturas modernistas elaborassem uma imagem que trouxesse referência de alguma obra de arte modernista.

Temas como Arte e patrimônio a partir dos casarios e das igrejas de Paraty, os alunos tinham que, individualmente, contar a história da imagem escolhida e as mesmas não poderiam ser repetidas e, para isso, se organizavam entre si. Temas de aulas como arte urbana e grafite eram contextualizados a partir das imagens trazidas por eles. Do seu entorno, no bairro onde moravam, foi possível diferenciar grafite de pixação, abordar os festivais que aconteciam ao longo do ano nas ruas de Paraty e a partir dessa temática entrar com a linguagem artística da literatura, utilizando como exemplo os autores que se apresentavam na feira literária de Paraty, foi possível estimular os alunos quanto à importância da mesma. Haviam discentes que nunca tinham ido à feira literária e, a partir das aulas, do incentivo e das propostas de aula, passaram a ter contato e a valorizar a mesma. As imagens captadas pelos alunos durante a Feira Literária Internacional de Paraty (FLIP) variavam de acordo com o olhar de cada um.

A fotografia favorece a possibilidade da relação da mesma com a dança, a coreografia, a *performance*, o cinema, o teatro, a escultura, a tecnologia e a música. Na proposta de aula com a temática da música, relacionei a literatura e a poesia, a escolha do artista a ser

trabalhado foi o rapper e poeta Emicida, as letras da poética de Emicida faziam links com a realidade dos alunos periféricos e desacreditados pelo sistema, alunos da turma chamada de “Correção de fluxo”, turma formulada pelo Estado para fazer 4 anos letivos em 2 anos, e a partir da biografia e da poesia do rapper os alunos se identificaram com as obras do mesmo. Pesquisaram o repertório do artista e a partir da pesquisa escolheram o trecho da música que mais despertasse atenção dos discentes. O objetivo foi separar trechos das letras que seriam reescritos e colocados numa pipa para serem soltas no ar, e quem as pegasse lia a mensagem destacada da letra da música.

**Figura 1** - Alunos colando trechos de músicas na pipa



Fonte: Arquivo pessoal, 2018

**Figura 2** - Pipas com a colagem das poesias



Fonte: Arquivo pessoal, 2018



Fonte: Arquivo pessoal, 2018

Figura 4 – Alunas empinando pipa



Fonte: Arquivo pessoal, 2018

Afinal, a escola é o espaço de formação do pensamento onde deve ser levada em consideração a diversidade de interpretações e trânsitos das visualidades contemporâneas. Por meio dessa leitura, a visão de mundo torna-se cada vez mais intertextual e polissêmica, provocando entendimentos fluidos, não estáticos ou restritos, na compreensão que a escola pode provocar sobre o ser/estar no mundo (DIAS, 2011). Assim, ao desenvolver as interpretações sociológicas estruturais, através destas fotografias, podemos compreender o que é próprio e explicativo nos contextos destes sujeitos, bem como quais indícios do invisível estão no visível (SILVA, 2020)

A imagem fotográfica contribui e muito para as relações sociais, para que os alunos repensem seus valores, sua época, seu entorno, sua comunidade. A fotografia dialoga com os adolescentes o tempo inteiro, e da mesma maneira que o indivíduo aprende a falar, a ler, ele também pode aprender muito sobre cultura visual. O aprendizado da leitura visual favorece a reflexão sobre o que o discente tem visto e o que deseja retratar antes de dar o click. A

aprendizagem da leitura de imagem hoje é essencial na formação escolar, somente os textos e o professor como protagonista dentro da sala de aula tornam enfadonho todo o processo de ensino aprendizagem de uma geração que vive na era da velocidade, do instantâneo, um match e suas vidas podem virar de cabeça para baixo.

Optei por trabalhar com a arte de uma forma mais efêmera, já que a localidade favorecia, quase todas aulas eram realizadas na área externa do colégio, na praia, em praças e dentro do condomínio onde estava localizado o colégio. As propostas de trabalhos eram desde o som do cotidiano, e do seu entorno, do caminho de casa até a escola. A captação de imagem dos espaços do colégio que tivesse uma relação afetiva com o aluno. Esculturas na areia, e a partir do conto da lenda de Iara a turma conjuntamente construiu a imagem abaixo:

**Figura 5 – Alunos fazendo escultura na areia**



Fonte: Arquivo pessoal, 2018

E a captação das imagens de registros eram pensadas por alunos e em grupos, como forma de registro e da análise do olhar fotográfico de cada grupo. A fotografia é uma ferramenta que proporciona aos discentes a leitura do seu ambiente, da cultura local, do modo de vida dos próprios educandos e da sua identidade. Foi pensando neste mecanismo que o meu projeto se norteia.

**Figura 6 - Professora posando para os alunos**



Fonte: Arquivo pessoal, 2018

A *performance* jogo da vida, surgiu a partir do conteúdo arte e patrimônio, da pesquisa sobre a cidade histórica de Petrópolis, especificamente sobre a história da Casa Stefan Zweig, sobre a breve história do escritor, da sua obra. A *Novela de Xadrez* em que o autor reflete sobre o nazismo, seu autoritarismo, a violência física e psicológica do regime. Os alunos se dividiram em dois grupos, e cada grupo tinha um líder que dominava seu grupo e ditava para onde cada peça (aluno) seria direcionado, por vezes o aluno que liderava precisava andar entre as peças e outros olhar as mesmas pelo lado externo para movimentar as peças no tabuleiro, com o objetivo de um líder vencer o outro e não o grupo. Afinal as peças não interferiam em nada, elas somente eram comandadas e conduzidas ao objetivo final que era eliminar as peças (alunos) do grupo adversário.

**Figura 7-** Jogo da vida



Fonte: Arquivo pessoal, 2016

No ensino médio também trabalho com a fotografia abordando: animação, história em quadrinhos, *stop motion*, o *flip book*, levando em consideração os movimentos artísticos de uma forma geral de acordo com a série e o conteúdo pertinente à mesma. O vídeo e a fotografia são linguagem da arte muito utilizada no ensino médio. Enfim, abordo as temáticas que são recorrentes tanto no ensino fundamental II como no ensino médio através da fotografia. Abaixo o registro dos alunos do ensino médio do curso normal, aula ao ar livre, as possibilidades de construção de aula para além da sala de aula, os alunos escolheram uma imagem de animação que representasse o grupo deles, a partir das propostas de aulas elaboradas por eles.

**Figura 8 –** Alunos representando seu grupo e a imagem que os representa



Fonte: Arquivo pessoal, 2012

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo que vivemos em uma sociedade que desvaloriza tanto o campo das artes, como o profissional da área da educação, e refletindo sobre a demanda que é trabalhar em colégio público do Estado do Rio de Janeiro, constatando que a médio e a longo prazo a situação quanto a conseguir recursos materiais, tecnológicos e financeiros que deem suporte para trabalhar com mais tranquilidade, de forma que o docente aplique todo o conteúdo proposto no currículo mínimo, e nos seus planos de aula. E que embora essa questão possa não ser unânime, mas a realidade da grande maioria, que sofre com a falta de suporte, que por vezes pode ser uma questão administrativa.

Vi-me “pressionada” a mudar, reformular, encontrar uma nova maneira de dar aula, de forma mais satisfatória e prática para alunos e para mim. A fotografia foi minha “ferramenta” chave para driblar a escassez, e a falta de quase tudo o que é necessário para ministrar uma boa aula que desperte o interesse dos discentes. Fazendo através da mesma um despertar dos alunos para importância da arte para sociedade.

Trabalhei movimentos artísticos, a arte de forma geral através da fotografia, levei os alunos a diversas reflexões sobre a arte e a importância da mesma, aos discentes o questionamento: se arte é importante, se ela está em tudo, porque a nossa sociedade insiste em desvalorizar a arte? Constataram que as demais disciplinas dependem da arte, que não é possível qualquer profissão sem intervenção da arte. Que até mesmo o esporte precisa da arte, que não imaginam um mundo sem música, que a medicina depende da arte, da imagem seja através do desenho, da fotografia, do vídeo. Que sem a literatura, não há filme, teatro, não há história, comercial, vestuário. Que sem arte não teriam suas casas, o prédio da escola, e até mesmo uma simples mochila ou qualquer adorno que carregassem.

Tive e tenho a oportunidade de tornar os discentes mais conscientes, pensadores, criativos e cidadão críticos, e ser um estudante crítico não é interessante para nossa sociedade, caso fosse, a arte dentro do espaço público e em alguns espaços privados seria valorizada tanto quanto ou da mesma maneira que as disciplinas das áreas de exatas.

Depois de quase nove anos lecionando, os resultados são bastante significativos, os negativos são os mesmos até hoje, a falta de recursos, sem sala de aula apropriada, sem incentivo administrativo, tendo sempre que se reinventar com o objetivo de contagiar, estimular, e evidenciar para os alunos a importância da arte, são os mesmos do início. E o saldo positivo é que ao longo desses anos os alunos que eram tidos como alunos sem “perspectiva de futuro”, mais de 80% hoje estão empregados, alguns com curso técnico e uma aluna na faculdade, e os poucos que não conseguiram evoluir tinham questões sociais e familiares gravíssima que os cercavam. Tenho ex-alunos que são ilustradores profissionais, tatuadores. Abaixo mostro meu diálogo com uma ex-aluna no Instagram, mostrei a ela um desenho da mesma que guardo comigo da proposta de autorretrato realizado por ela, e do lado outra imagem foi extraída da página do Instagram que Ana Luíza mantém como ilustradora.

**Figura 10** – Conversa com ex aluna sobre sua ilustração



**Figura 9** – Ilustração da ex aluna



Enfim, eu busco os recursos que eu tenho, trabalhando de maneira interdisciplinar, e a fotografia é minha principal linguagem artística, que possibilita dialogar com as demais linguagens artísticas, e o celular a ferramenta mais democrática e prática entre os alunos, o celular antes visto como “inimigo”, passou a ser meu maior aliado. Já que hoje muitos discentes não querem copiar do quadro, desenhar e até mesmo colorir um desenho.

A fotografia foi a “solução” temporária que encontrei para que fosse menos desgastante e dispendioso particularmente. Uma parcela de profissionais das artes visuais investe seus próprios recursos econômicos, para pôr em prática as aulas. E discutir a valorização das Artes com os alunos, como forma de compreender o entorno, a si e a sociedade através do tempo, é o caminho. Afinal quem imagina um mundo sem arte? Por vezes escutei de colegas que eu vivia um verdadeiro “furor pedagógico”, tanto pelos gastos financeiros, como pela quantidade de materiais que eu carregava pra cima e para baixo nos corredores da escola, obviamente passaram por este “furor” e desistiram, eu não desisti, apenas encontrei uma solução e a fotografia foi a “porta” de entrada.

## BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Ana Mae. **Arte, Educação e Cultura**. Revista, Número 07. Domínio Público. disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000079.pdf>. Acesso: 14/05/2022.

DIAS, Belidson. *O I/mundo da Educação em Cultura Visual*. Distrito Federal: Editora da Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília, 2011.

GONZAGA, Glauca Ribeiro; MIRANDA, Jean Carlos; SANTOS, Karen Mata. A fotografia como recurso didático. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/1/a-fotografia-como-recurso-didtico>. Acesso: 24/07/2022

MONTEIRO, Marcos Gonçalves. **DESENHO E RELEITURA: Uma proposta para o ensino de artes visuais. Trabalho de conclusão de curso**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul; p.64, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/114585/000955304.pdf?sequence=1> Acesso: 14/05/2022.

MYANAKI, Jacqueline. **A paisagem no ensino de Geografia: Uma estratégia didática a partir da Arte**. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) – USP, São Paulo 2003. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-03012005-124908/publico/Jacqueline\\_Myanaki\\_diss.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-03012005-124908/publico/Jacqueline_Myanaki_diss.pdf). Acesso 24/07/2022

SILVA, Leandro de Souza. *A Linguagem Fotográfica No Ensino De Artes Visuais: Possibilidades De Criação, Reflexão E Crítica*. **Revista Humanidades e Inovação v.8, n.38; Pg: 06**. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2502>. Acesso: 14/05/2022

VERA, Carla Maria Maia. *A Educação em Artes Visuais e a Fotografia: Implicações Pedagógicas*. **Trabalho De Conclusão De Curso Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes, Universidade Aberta do Brasil, Acre**. Dez 2012. pg.7. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5463/1/2012\\_CarlaMariaMaiaVeras.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5463/1/2012_CarlaMariaMaiaVeras.pdf). Acesso:14/05/2022.

## AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi nada fácil, e só foi possível com a corrente positiva que se formou ao meu redor. Digo-lhes que o universo os usou para me colocar asas, pois quando as forças me faltavam, vocês abriram o caminho, acederam a luz para que eu enxergasse a possibilidade de ir além. Em especial agradeço a Deus, ao meu orientador Shannon Botelho, cara! Você foi incrível, a música mais suave no pé do meu ouvido, tirou leite de pedra, amo-te. E juntamente com você a Maria Lia, querida obrigada por me ajudar e interceder por mim, ambos pegaram em minhas mãos e me conduziram à “linha de chegada”, vocês “resgataram um soldado ferido”, Obrigaduuuu! As minhas amigas Thamís Malena, Renata Brasil, Renata Pareto, Silvia Maria e Natália Regina vocês foram meu “oxigênio” nesses últimos instantes. As minhas filhotas, Vitória Greice e Glória Greice, desde a primeira, graduação foram meus braços, e ao meu sobrinho querido Vinícius César, juntamente com esposo Marcelo dos Santos por me ajudarem e levantarem minha autoestima quanto profissional.

A todos os professores pela paciência e força, vocês são incríveis, cada aula foi como um bálsamo para mim foram sábados intensos e extensos, um mergulho de trocas e aquisição de conhecimento. Eu amei participar de cada uma, ouvir os convidados, nossa! Não tenho palavras para dimensionar o quanto tudo isso enriqueceu meu repertório na vida e em sala de aula. E não posso deixar de falar que vocês fizeram valer a premissa da educação que é: Olhar cada aluno como um indivíduo e não como um todo, levando em consideração o universo que o compõe. Muito obrigada! Me senti acolhida, compreendida e ajudada mesmo. Ah! Não poderia deixar de citar meu querido Zitto Bedat (José Lourenço), que representante de turma massa! Você foi essencial e uma peça-chave entre a turma e os professores, me ajudou bastante também. A minha avó Adelaide *in memoriam*, que me deixou de herança a fé (deu certo, vó!).

Enfim, não caberiam todos os nomes aqui, mas vários colegas de turma foram muito importantes nessa minha caminhada, e cada um contribuiu de uma maneira nessa estrada, obrigada! Abaixo cito o trecho da música “*Gratidão*”. Eu a dedico a todos que estiveram comigo no Curso de Especialização Saberes e fazeres no ensino de Artes Visuais.

*“Eu sei que toda glória vai ser dada a Deus  
Mas não posso esquecer daquele que me deu a mão  
Daqueles, porque foi mais de um  
Sem eles, lugar nenhum [...]  
Essa é minha vida, é louca e fora do comum, é  
Tem quem não acredite que nós veio do nada [...]  
Eu sei quê que a falta de grana faz dentro de casa  
[...]  
Se precisasse, eu  
Faria tudo de novo”*

(L7NNON – Gratidão. Álbum: Hip-Hop Rare, 2020)